

Descrição de uma espécie nova de *Cephalosphaera* Enderlein, 1936 da Amazônia (Diptera, Pipunculidae)

Bruna Barbosa SOUZA¹ Rosaly ALE-ROCHA²

RESUMO

Cephalosphaera aurata sp. nov. é descrita, um “checklist” e uma chave de identificação para as espécies neotropicais são apresentados e novos dados de distribuição geográfica para *C. miriamae* Rafael, 1992 são fornecidos.

PALAVRAS-CHAVE : Sistemática; espécie nova; distribuição.

Description of a new species of *Cephalosphaera* Enderlein, 1936 from Amazonian Region (Diptera, Pipunculidae)

ABSTRACT

Cephalosphaera aurata sp. nov. is described, a checklist and a key to Neotropical species of *Cephalosphaera* are presented and new geographic records are provided for *C. miriamae* Rafael, 1992.

KEYWORDS: Systematic; new species, distribution.

¹ Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, Coordenação de Pesquisas em Entomologia. E-mail: bruna_fpf1@yahoo.com.br

² Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, Coordenação de Pesquisas em Entomologia. E-mail: alerocha@inpa.gov.br

INTRODUÇÃO

Pipunculidae é uma família pequena, mas muito distinta da ordem Diptera, superfamília Syrphoidea (Pipunculidae + Syrphidae) (McAlpine, 1989). É cosmopolita e tem atualmente cerca de 1300 espécies descritas em todo mundo, distribuídas em 20 gêneros (De Meyer, 1996; De Meyer e Skevington, 2000; Skevington e Yeates, 2001). Seus representantes são distinguidos pela cabeça grande, esférica ou hemisférica, a qual é extremamente móvel e formada quase completamente pelos olhos compostos. São pequenos (2,0- 8,0 mm), escuros e de asas longas. As larvas são endoparasitóides de várias famílias de Hemiptera, especialmente Cicadellidae e Delphacidae, e são importantes como agente de controle biológico (Skevington e Yeates, 2001).

O gênero *Cephalosphaera* Enderlein, 1936 é cosmopolita, caracterizado pelas cerdas oclares ausentes; cabeça subglobosa; pós-crânio largo; margem posterior do olho normal; escuto e escutelo sem cerdas fortes; cerdas acrosticais ausentes; propleura com cerdas proepisternais dispostas em leque; cerdas dorsocentrais diferenciadas, diminutas; veia M2 presente; tergitos 6 e 7 ocultos sob o tergitto 5, às vezes o tergitto 6 é visível dorsalmente.

As espécies neotropicais de *Cephalosphaera* foram estudadas recentemente por Rafael e Rosa (1991) que descreveram duas espécies da Amazônia brasileira, Rafael (1992) que revisou as espécies conhecidas até então, Rafael (1996) que descreveu uma espécie para a República Dominicana e Rafael e Menezes (1999) que descreveram três espécies para a Costa Rica. Atualmente são conhecidas 18 espécies para a região Neotropical, seis delas registradas para a Amazônia brasileira (De Meyer, 1996).

Descrevemos neste trabalho *Cephalosphaera aurata* sp. nov. para a Amazônia brasileira, uma chave de identificação e um “checklist” para as espécies neotropicais são fornecidos e é feito o novo registro de *C. miriamae* Rafael, 1992 para o estado do Amazonas.

MATERIAL E MÉTODOS

O material estudado faz parte do acervo da Coleção de Invertebrados do INPA e é proveniente de coletas feitas na Reserva do Km 41 da rodovia ZF3 pertencente ao Projeto Dinâmica Biológica de Fragmentos Florestais – PDBFF, localizada ao norte do município de Manaus, Amazonas, cujo acesso se dá pela BR 174 (Km 64).

Foram estudados 250 indivíduos do gênero *Cephalosphaera*. A identificação foi feita por meio de chave de identificação de Rafael (1992), através de descrições originais e redescrições, e pela análise da terminália. A terminologia adotada nas descrições segue McAlpine (1981).

Para análise da terminália o abdômen foi cortado na altura do terceiro segmento abdominal e a parte destacada foi aquecida por 30 minutos em ácido láctico 85%. O material foi guardado em microtubo de genitália contendo glicerina e alfinetado junto ao espécime correspondente. A asa foi destacada do corpo, tratada com xilol e montada entre lamínulas com bálsamo do Canadá e posteriormente fotografada, permanecendo alfinetada junto ao espécime correspondente através de um pequeno pedaço de cartolina colada a um dos lados da lamínula.

RESULTADOS

CHECKLIST DAS ESPÉCIES NEOTROPICAIS DE *Cephalosphaera* ENDERLEIN

- C. (Neocephalosphaera) aequatorialis* (Becker), EQUADOR, macho
- C. (Neocephalosphaera) arnaudi* Rafael, MÉXICO, macho
- C. (Cephalosphaera) aurata* sp. nov., BRASIL (AM), macho e fêmea
- C. (Neocephalosphaera) boutropis* (Hardy), BRASIL (PR), ARGENTINA, macho e fêmea
- C. (Neocephalosphaera) cristata* Rafael, BRASIL (SP), macho
- C. (Cephalosphaera) fairchildi* Rafael, BRASIL (AM), macho
- C. (Cephalosphaera) guanacastensis* Rafael & Menezes, COSTA RICA, macho
- C. (Cephalosphaera) incomitata* (Hardy), ARGENTINA, macho
- C. (Cephalosphaera) insularis* Rafael, REPÚBLICA DOMINICANA, JAMAICA, macho e fêmea
- C. (Neocephalosphaera) jamaicensis* (Johnson), JAMAICA, COSTA RICA, macho e fêmea
- C. (Cephalosphaera) macroctenia* Rafael, COSTA RICA, BRASIL (PA), macho
- C. (Neocephalosphaera) miriamae* Rafael, BRASIL (AM, PA, PI, SP, PR), macho e fêmea
- C. (Cephalosphaera) mocaensis* (Hardy), MÉXICO, REPÚBLICA DOMINICANA, macho e fêmea
- C. (Cephalosphaera) pacaraima* Rafael & Rosa, BRASIL (RR), macho e fêmea
- C. (Cephalosphaera) panamensis* (Hardy), COSTA RICA, PANAMÁ, REPÚBLICA DOMINICANA, JAMAICA, macho
- C. (Cephalosphaera) procera* Rafael & Menezes, COSTA RICA, macho

C. (Neocephalosphaera) santiagoensis Rafael, CHILE, macho e fêmea

C. (Neocephalosphaera) semispiralis Rafael & Rosa, BRASIL (RR), macho

C. (Cephalosphaera) zumbadoi Rafael & Menezes, COSTA RICA, macho

CHAVE DE IDENTIFICAÇÃO PARA AS ESPÉCIES NEOTROPICAIS DE *Cephalosphaera* ENDERLEIN (MODIFICADA DE RAFAEL (1992))

1. Fêmures predominantemente amarelos, às vezes manchados de castanho nos ápices ou dorsalmente2
 - Fêmures castanhos a pretos, às vezes com bases e ápices amarelos ou somente o posterior com a base amarela10
2. Todos os fêmures amarelos3
 - Todos os fêmures com mancha dorsal castanha ou fêmur posterior ou médio e posterior com ápices castanhos5
3. Lobo pós-pronotal castanho a preto; coxa anterior amarela, média e posterior castanhas; abdome castanho a preto com pruína cinza na metade distal do tergito 1 e nas laterais do tergito 5 (Fig. 1 F); edeago curto (Fig. 3 F); guia fálico sem espinhos apicais (Fig. 3 F).....*C. guanacastensis*
 - Lobo pós-pronotal amarelo; todas as coxas castanhas; abdome com banda basal castanho-escuro a preta opaca nos segmentos 3 a 5; guia fálico e edeago variáveis.....4
4. Flagelo amarelo com ápice agudo; base da asa com poucas cerdas curtas e fortes; seção entre a célula dm e a veia M₂ mais longa que a veia dm-cu; tergito 5 com mancha de pruína cinza póstero-lateral (Fig. 1 K); sintergoesternito 8 não dividido pela área membranosa (Fig. 2 N); guia fálico sem espinhos; edeago curto, não espiralado (Fig. 3 N)*C. panamensis*
 - Flagelo predominantemente castanho com ápice filiforme; seção entre a célula dm e a veia M₂ maior ou igual à veia dm-cu; base da asa sem cerdas fortes; tergito 5 sem área de pruína cinza póstero-lateral (Fig. 1 C); área membranosa dividindo o sintergoesternito 8 dorsal e ventralmente (Fig. 2 C); guia fálico com espinhos; edeago longo e espiralado (Fig. 3 C e D) *C. boutropis*
5. Fêmures amarelos com face dorsal castanha *C. semispiralis*
 - Fêmures anterior amarelo e posterior e médio com ápices castanhos, ou somente o posterior com ápice castanho6
6. Fêmur posterior com ápice castanho; tergitos 2 a 5 com banda basal estreita preta interrompida dorsalmente; guia fálico com projeção apical (Fig. 3 H) *C. insularis*
 - Fêmures médio e posterior com ápices castanhos; tergitos 2 a 5 com pruína castanha na margem basal formando desenhos quadrangulares ou triangulares e não interrompida dorsalmente7

7. Coxa anterior mais clara que a média e posterior; seção entre a célula dm e a veia M₂ mais longa que a veia dm-cu; escutelo castanho a castanho-claro; edeago com todos os ramos igualmente longos8
 - Todas as coxas pretas; seção entre a célula dm e a veia M₂ menor ou igual a veia dm-cu; escutelo amarelo; ramo central do edeago mais curto que os demais (Fig. 3 K)*C. miriamae*
8. Tergito 1 amarelo a castanho-claro; tergito 2 com banda basal de pruína castanha quadrangular; triângulo frontal com pruína cinza-prateada; surstilos semissimétricos a simétricos9
 - Tergito 1 cinza; tergito 2 com banda basal de pruína castanha triangular (Fig. 1 J); triângulo frontal preto fosco; surstilos assimétricos (Fig. 2 M).....*C. pacaraima*
9. Tergito 1 sem mancha basal de pruína castanha (Fig. 1 L) ... *C. procera*
 - Tergito 1 com mancha triangular basal de pruína castanha (Fig. 4 B)*C. aurata* sp. nov.
10. Fêmures castanhos a pretos.....11
 - Fêmures castanhos a pretos com bases e ápices amarelos ou somente o posterior com a base amarela 12
11. Triângulo frontal com um pequeno calo preto brilhante; sintergoesternito 8 não dividido pela área membranosa (Fig. 2 G); edeago curto e ramificado (Fig. 3 G).....*C. incomitata*
 - Triângulo frontal sem calo; área membranosa dividindo o sintergoesternito 8 ventralmente (Fig. 2 P); edeago longo e ramificado (Fig. 3 P) *C. santiagoensis*
12. Fêmures anterior e médio castanhos, somente o posterior com a base amarela; tibia posterior amarela com anel mediano mais claro; sintergoesternito 8 com crista proeminente na área membranosa (Fig. 1 D)..... *C. cristata*
 - Todos os fêmures com bases e ápices amarelos; tibia posterior amarela a preta, sem anel mediano mais claro; sintergoesternito 8 sem crista proeminente na área membranosa 13
13. Tíbias amarelas; lobo pós-pronotal castanho a preto; surstilos mais curtos ou tão longos quanto o epândrio, sem estreitamento pré-apical ou com estreitamento progressivo em direção ao ápice.....14
 - Tíbias castanhas a pretas; lobo pós-pronotal amarelo; surstilos longos e delgados, mais longos que o epândrio, distintamente estreitados na porção pré-apical (Fig. 2 Q)..... *C. zumbadoi*
14. Terceira seção costal muito curta, aproximadamente 1/6 da quarta; flagelo castanho a preto, longo e agudo abaixo; sintergoesternito 8 dividido ventralmente pela área membranosa (Fig. 2 A) *C. aequatorialis*
 - Terceira seção costal subigual ou tão longa quanto a quarta; flagelo amarelo, castanho ou preto; sintergoesternito 8 variável 15
15. Fêmur posterior com longo ctenídeo ântero-ventral; cerda escutelar moderadamente longa, cerca da metade do comprimento do escutelo medianamente; tibia posterior com

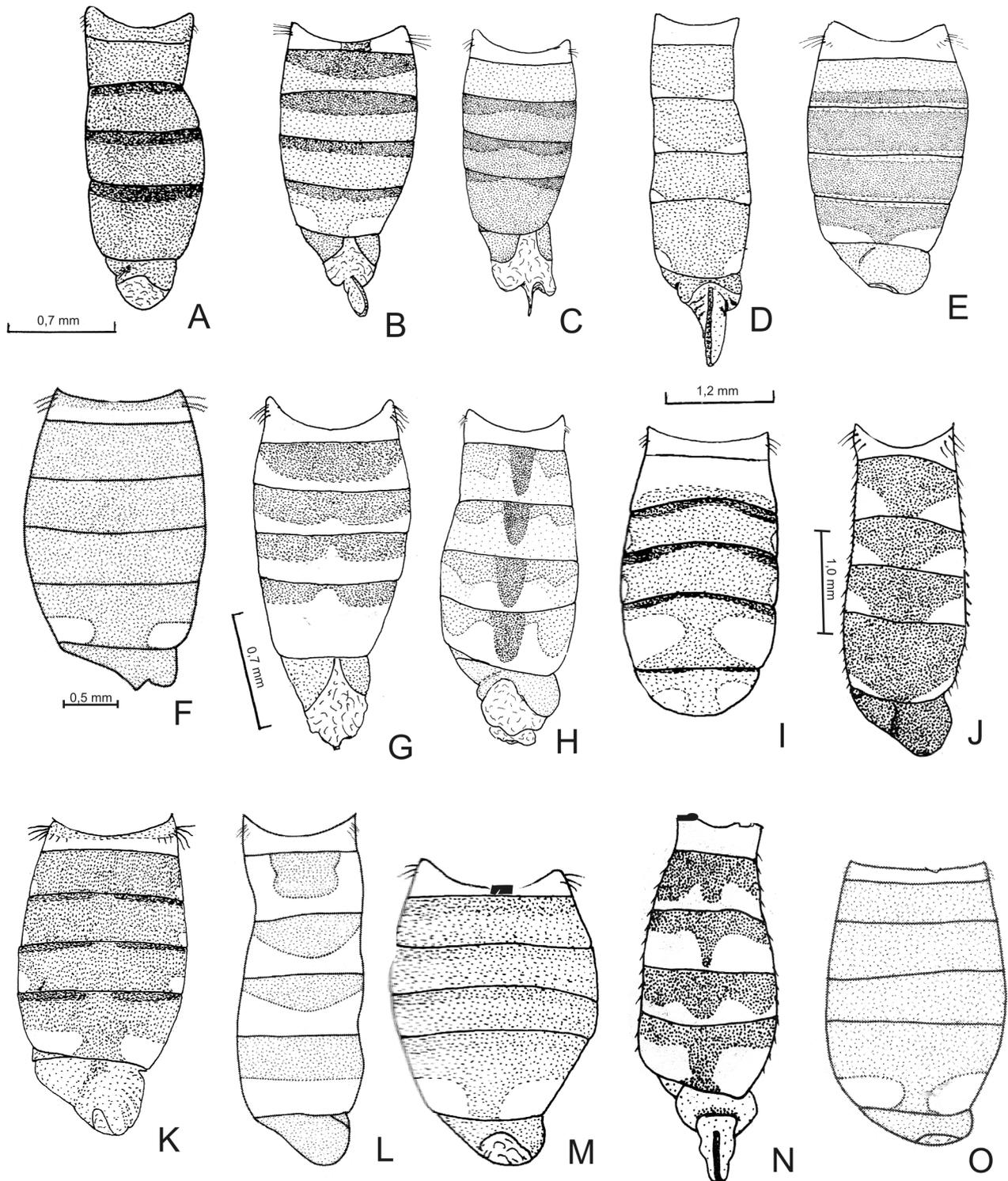


Figura 1 - Abdômen, vista dorsal. **A** - *C. aequatorialis*; **B** - *C. arnaudi*; **C** - *C. boutropis*; **D** - *C. cristata*; **E** - *C. fairchild*; **F** - *C. guanacastensis*; **G** - *C. jamaicensis*; **H** - *C. miriamae*; **I** - *C. mocaensis*; **J** - *C. pacaraima*; **K** - *C. panamensis*; **L** - *C. procera*; **M** - *C. santiagoensis*; **N** - *C. semispiralis*; **O** - *C. zumbadoi*. (figuras de Rafael & Rosa, 1991; Rafael, 1992, 1994; Rafael & Menezes, 1999).

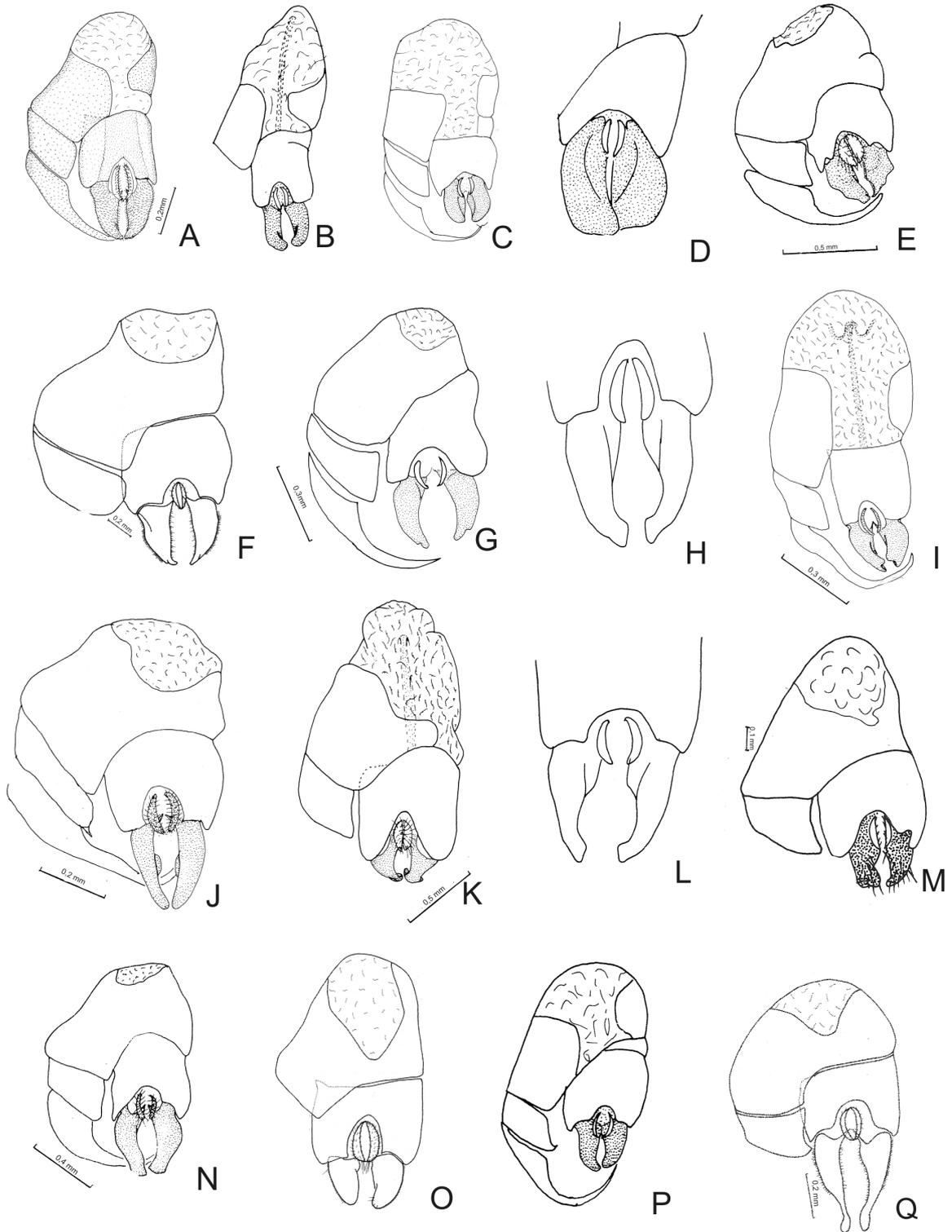


Figura 2 - Terminália masculina, vista ventral. **A** - *C. aequatorialis*; **B** - *C. arnaudii*; **C** - *C. boutropis*; **D** - *C. cristata*; **E** - *C. fairchildi*; **F** - *C. guanacastensis*; **G** - *C. incomitata*; **H** - *C. insularis*; **I** - *C. jamaicensis*; **J** - *C. macroctenia*; **K** - *C. miriamae*; **L** - *C. mocaensis*; **M** - *C. pacaraima*; **N** - *C. panamensis*; **O** - *C. procer*; **P** - *C. santiagoensis*; **Q** - *C. zumbadoi*. (figuras de Rafael & Rosa, 1991; Rafael, 1992, 1994; Rafael & Menezes, 1999).

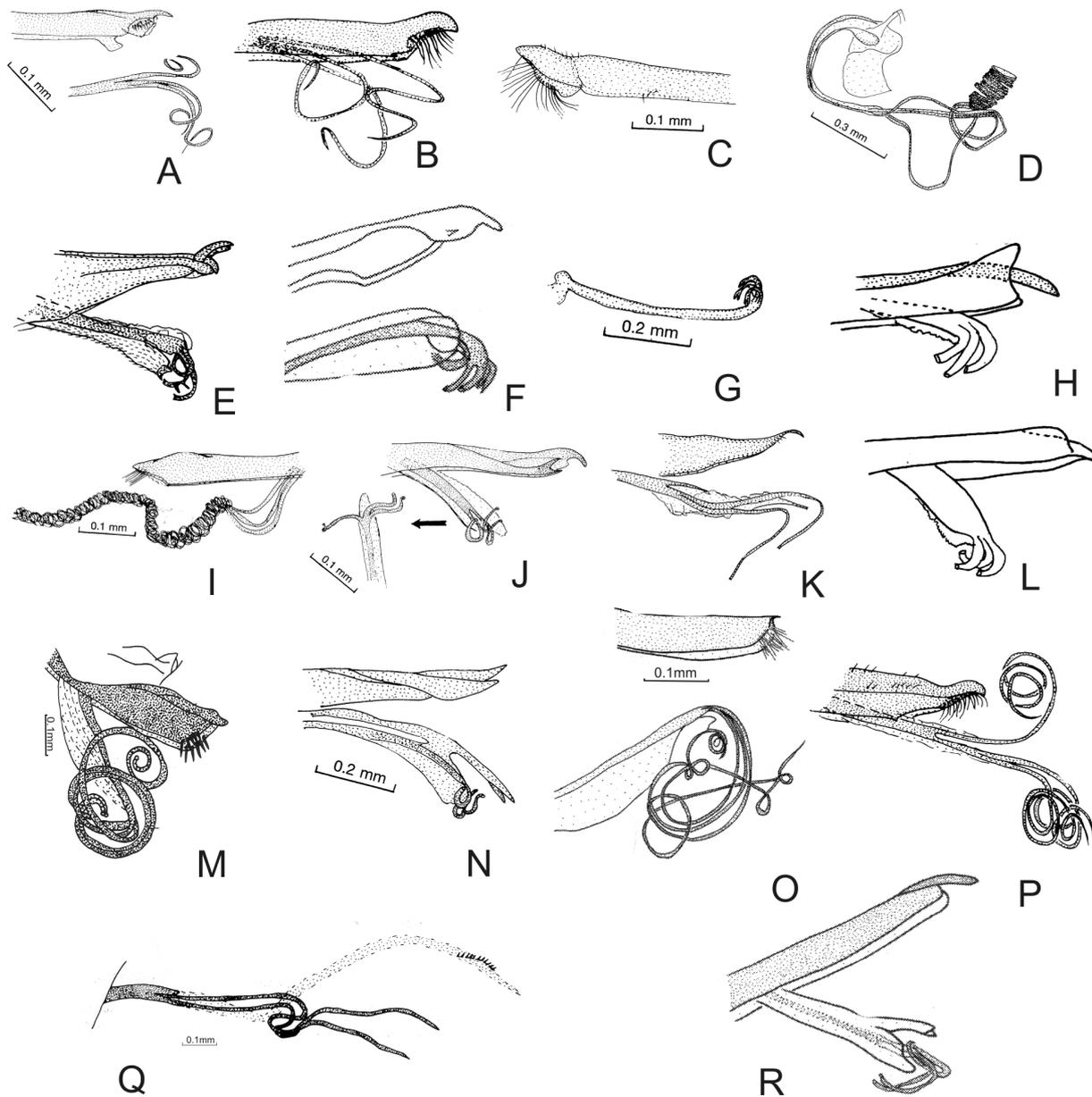


Figura 3 - Guia fállico e edeago, vista lateral. **A** - *C. aequatorialis*; **B** - *C. arnaudi*; **C** - *C. boutropis*; **D** - *C. boutropis*; **E** - *C. fairchild*; **F** - *C. guanacastensis*; **G** - *C. incomitata*; **H** - *C. insularis*; **I** - *C. jamaicensis*; **J** - *C. macroctenia*; **K** - *C. miriamae*; **L** - *C. mocaensis*; **M** - *C. pacaraima*; **N** - *C. panamensis*; **O** - *C. procera*; **P** - *C. santiagoensis*; **Q** - *C. semispiralis*; **R** - *C. zumbadoi*. (figuras de Rafael & Rosa, 1991; Rafael, 1992, 1994; Rafael & Menezes, 1999).

cerdas posteriores eretas medianamente; seção entre a célula dm e veia M_2 mais longa que a veia dm-cu; sintergoesternito 8 não dividido pela área membranosa (Fig. 2J). *C. macroctenia* - Todos ctenídeos ventrais pequenos subiguais em comprimento; cerda escutelar de tamanho variável; seção entre a célula dm e veia M_2 maior ou igual que a veia dm-cu; sintergoesternito 8 dividido ou não pela área membranosa.16

16. Pedicelo castanho, flagelo amarelo; seção entre a célula dm e veia M_2 mais longa que a dm-cu; sintergoesternito 8 não dividido pela área membranosa 17
- Pedicelo e flagelo castanhos a pretos; seção entre a célula dm e veia M_2 aproximadamente maior ou igual a dm-cu (exceto em *jamaicensis*); sintergoesternito 8 dividido dorsoventralmente pela área membranosa 18

17. Flagelo filiforme abaixo; longa cerda escutelar aproximadamente 1/3 da metade do tamanho do escutelo; tergitos 3-5 com faixa preta opaca basal (Fig. 1 I) *C. mocaensis*
- Flagelo agudo abaixo; cerdas escutelares diminutas, tergitos predominantemente preto brilhantes (Fig. 1 E).....*C. fairchildi*
18. Seção entre a célula dm e veia M₂ maior do que a veia dm-cu; área membranosa do sintergoesternito 8 sem crista (Fig. 2 I); edeago longo e espiralado (Fig. 3 I); tibia posterior sem cerdas posteriores eretas medianamente *C. jamaicensis*
- Seção entre a célula dm e veia M₂ aproximadamente igual ao tamanho da veia dm-cu; área membranosa do sintergoesternito 8 com crista proeminente (Fig. 2 B); edeago não espiralado (Fig. 3 B); tibia posterior com cerdas posteriores eretas medianamente *C. arnaudi*

***Cephalosphaera (Neocephalophaera) miriamae* Rafael**

Cephalosphaera miriamae Rafael, 1992 :643 (figs 42,9; 42,22; 42,38; 42,56-58; 42,69).

Diagnose. Antena amarela, escutelo e pernas predominantemente amarelos; calo pós-alar com um pequeno espinho preto anteriormente; abdômen predominantemente amarelo; tergito 1 com longas cerdas nas laterais; edeago com ramo central membranoso tão curto quanto os outros dois (Rafael, 1992).

Espécie descrita do estado do Paraná por Rafael (1992). Tem uma ampla distribuição no Brasil, sendo este o primeiro registro da espécie para o estado do Amazonas.

Material Examinado. BRASIL, Am[azonas], Manaus, Res[erva] P[ro]jeto D[inâmica] B[iológica] [de] F[ragmentos] F[lorestais], Km 41, Arm[adilha] Suspensa, R. Querino *et. al.*, v.2004, 2 fêmeas; vi.2004, 2 machos, 1 fêmea; vii.2004, 3 fêmeas; viii.2004, 5 fêmeas; ix.2004, 1 macho, 8 fêmeas; x.2004, 2 machos, 8 fêmeas; xi.2004, 3 machos, 18 fêmeas; xii.2004, 7 machos, 39 fêmeas; i.2005, 1 macho, 21 fêmeas; ii.2005, 1 macho, 47 fêmeas; iii.2005, 1 macho, 27 fêmeas; iv.2005, 15 fêmeas (todos depositados no INPA).

Distribuição. Brasil (Amazonas novo registro, Pará, Piauí, São Paulo, Paraná)

Observações. Espécimes de *C. miriamae* foram coletados em dois diferentes biótopos na reserva do PDBFF no período entre maio de 2004 a junho de 2005. Essa espécie foi mais abundantemente coletada no sub-bosque (206 = 94,93%), do que pelo dossel (11 = 5,06%), e no interior da floresta (142 = 65,43%) do que na borda (71 = 32,71%). *C. miriamae* foi mais freqüente no período compreendido entre novembro/2004 e abril/2005, caracterizado por maiores índices de precipitação na região.

***Cephalosphaera (Cephalosphaera) aurata* sp. nov.**
(FIGS. 4 A-D)

Diagnose. Antena amarela; escutelo castanho-claro; calo pós-alar com pequeno tufo de cerdas amarelas; coxa anterior castanho-clara, média e posterior castanho-escuras; tergitos 1 – 4 dourados, brilhantes, tergito 5 com parte basal preto-fosca e apical com pruinossidade cinza; sintergoesternito 8 não dividido ventralmente pela área membranosa (macho)

Holótipo macho. Corpo: 5,1 mm Asa: 5,6 mm.

Descrição. Cabeça: triângulo frontal com pruinossidade cinza-prateada; triângulo ocelar cinco vezes maior que o tamanho do ocelo mediano em comprimento, com pruinossidade cinza-prateada; escapo castanho-escuro com uma cerda apical dorsal forte; pedicelo amarelo com margem inferior escurecida, com 2-3 cerdas dorsais, pretas e fortes; flagelo amarelo, duas vezes maior que o pedicelo, com ápice agudo; face com pruinossidade prateada densa. Tórax: escuto castanho-escuro com pruinossidade castanho-clara e cerdas amarelas, delgadas, muito curtas, inconspícuas; lobo pós-pronotal amarelo; notopleura castanho-clara a amarela com densa pruinossidade amarela pálida e algumas cerdas marrons, curtas e delgadas; calo pós-alar com pequeno tufo de cerdas amarelas curtas e delgadas; escutelo castanho-claro com pruinossidade castanha, dois pares de cerdas marginais delgadas, amarelas e curtas, sendo o par apical mais forte; mesopleura castanha com fina pruinossidade amarela pálida mais densa no catatergito e anatergito; meron e metade inferior do catepisterno castanho-claro a amarelo. Pernas: coxa anterior castanho-clara, média e posterior castanho-escuras; coxa média com tufo de cerdas castanhas conspícuas na face anterior; trocanter amarelo com uma cerda dorsal preta alongada; fêmur anterior amarelo, médio e posterior amarelos com um anel castanho pré-apical mais largo na face dorsal; ctenídeos ventrais presentes na metade distal dos fêmures; tíbias amarelas; tarso anterior e médio amarelos, posterior castanho. Asa (Fig. 4A): hialina com iridescência dourada; seção entre a célula dm e veia M₂ maior que a veia dm-cu; lobo anal desenvolvido; veia dm-cu levemente curva; última seção da veia M₁ curva para cima; base da asa com pequeno grupo de cerdas castanhas delgadas, amarelas e curtas e uma cerda espiniforme preta e robusta; halter esbranquiçado. Abdômen: oval, alongado; tergitos 1-4 amarelo - dourados com mancha basal de pruinossidade castanho-escuro a preta; base do tergito 5 castanho-escuro a preto, fosco, e cerca de 1/3 apical com pruinossidade cinza (Fig. 4 B); tergito 1 com cerdas fortes nas laterais. Terminália: sintergoesternito 8 mais curto que o tergito 5; área membranosa não dividindo o sintergoesternito 8 (Figura 4 C); surstilos largos e simétricos (Fig. 4 C); guia fállico curto com um grupo de espinhos fortes na ponta (Figura 4 D); edeago tri-ramificado, longo e enovelado (Figura 4 D).

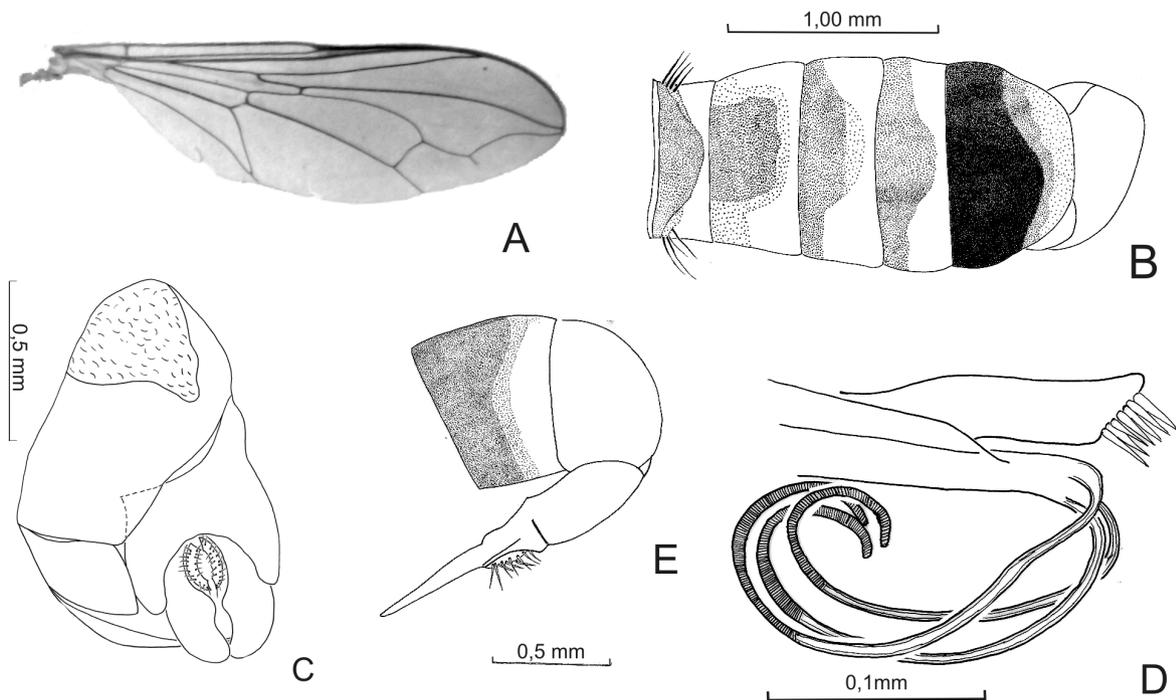


Figura 4 - *Cephalosphaera* sp. nov. (Parátipo macho). **A** - Asa. **B** - Abdômen. **C** - Terminália masculina, vista ventral. **D** - Ápice do guia fálico e edeago, vista lateral. **E** - terminália feminina, vista lateral.

Fêmea. Como no macho, exceto pelos olhos dicópticos. Terminália: ovipositor longo quase alcançando a base do esternito 2 (Fig. 4 E).

Material Examinado. Holótipo Macho (INPA), BRASIL, **Am[azonas]**, Manaus, Reserva Km 41, P[rojeto] D[inâmica] B[iológica] de F[ragmentos] F[lorestais], Trilha LL B[orda] - S[ub] B[osque], 19- 21.i.2005, Ranyse Querino (INPA).

Parátipos. BRASIL, **Am[azonas]**, Manaus, Reserva Km 41, P[rojeto] D[inâmica] B[iológica] de F[ragmentos] F[lorestais], [sem trilha], Arm[adilha] Suspensa, Dossel, 26-27.v.2004, R. Querino, S. Costa, A. Nazareno, L. Queiroz, M. Feitosa, Q. Pereira cols, 1 macho (INPA); Sub-bosque, 23-24.vi.2004, J. Deus cols, 1 macho; Trilha LL B-SB, 21- 22.vii.2004, 1 macho e 1 fêmea; Trilha R I[nterior]-SB, 18-19.viii.2004, 1 macho; Trilha AB B-D, 29-30.ix.2004, 1 macho e 1 fêmea; Trilha AB B-SB, 15-16.ix.2004, 1 fêmea; Trilha C I-SB, 01-02.ix.2004, 1 macho; Trilha EE, B-SB, 15-16.ix.2004, 1 macho; Trilha EE B-D, 23-30.ix.2004, 1 macho; Trilha LL I-[sem altura], 29-30.ix.2004, 1 fêmea; Trilha R I-D, 01-02.ix.2004, 1 fêmea; Trilha R B-SB, 01-02.ix.2004, 2 machos (depositados no INPA); Trilha R I-SB, 15-16.ix.2004, 1 macho; Trilha R I-D, 29-30.ix.2004, 1 fêmea; Trilha AB I-SB, 13- 14.x.2004, 1 macho; Trilha LL

B-SB, 27-28.x.2004, 2 fêmeas (depositados na USP); Trilha R I-SB, 27-28.x.2004, 1 macho e 1 fêmea; Trilha AB B-SB, 10-12.xi.2004, 1 fêmea; Trilha AB B-SB, 08-09.xii.2004, R. Querino, 1 macho; Trilha AB I-SB, 19-21.i.2005, 1 fêmea; Trilha I B-SB, 19-21.i.2005, 1 fêmea; Trilha C B-D, 16-17.ii.2005, 1 macho; Trilha AB B-SB, 16-18.iii.2005, 1 fêmea; Trilha R B-D, 16-18.iii.2005, 1 fêmea; Trilha LL I-D, 02-04.iv.2005, 1 fêmea; Trilha EE B-SB, 22.xii - 07.xi.2005, 1 macho (depositados no INPA).

Distribuição. Brasil (Amazonas).

Etimologia. O nome específico é derivado do latim: *aurum* = dourado, e refere-se a pruinose dourada do abdômen.

DISCUSSÃO

Cephalosphaera aurata sp. nov. é similar a *C. panamensis* Hardy com os seguintes caracteres em comum: fêmur amarelo; calo pós-alar com diminuta cerda delgada; seção entre a célula dm e veia M2 mais longa que a veia dm-cu; flagelo amarelo com ápice agudo; base da asa com poucas cerdas fortes curtas; sintergosternito 8 não dividido pela área membranosa. São distinguidas principalmente pela cor do pedicelo, abdômen e a terminália, onde *C. aurata* sp. nov possui pedicelo castanho

ao contrário de *C. panamensis* que é castanho-escuro a preto; tergitos 1-4 dourados com mancha basal de pruinoidade castanho-escuro enquanto em *C. panamensis* os tergitos são marrons, o tergito 1 tem pruinoidade castanho-escuro na metade basal e cinza na metade distal e os tergitos 3-5 têm bandas basais pretas, opacas, estreitas e interrompidas dorsalmente, com mancha lateral de pruinoidade cinza posteriormente; tergito 5 com parte basal preta, e apical completamente coberta de pruinoidade cinza, enquanto que o tergito 5 de *C. panamensis* apresenta pruinoidade cinza póstero-lateralmente. Além disso, ambas podem ser distinguíveis facilmente pelos caracteres da terminália masculina. Os surstilos de *C. aurata* sp. nov. são semelhantes aos de *C. boutropis* (Hardy) e *C. santiagoensis*, mas ambas tem o sintergoesternito 8 dividido pela área membranosa diferenciando-se assim de *C. aurata* sp. nov. A mesma, apresenta surstilos e coloração do abdômen semelhante a *C. procera* sp. nov., mas difere desta pela coloração do tergito 1, surstilos mais simétricos e mais largos e pelas cerdas do ápice do guia fático que são espiniformes.

Observações. Espécimes de *C. aurata* sp. nov. foram coletados em dois diferentes biótopos na reserva do PDBFF no período entre maio de 2004 a junho de 2005. Essa espécie foi mais abundantemente coletada no sub-bosque (25 = 75,93%), do que pelo dossel (8 = 24,24%), e na na borda (17 = 51,51%) do que no interior da floresta (13 = 39,39%). *C. aurata* sp. nov. foi mais freqüente no mês de setembro/2004, mês caracterizado por baixa precipitação na região.

AGRADECIMENTOS

A Dra. Ranyse Querino da Embrapa (Roraima) e colaboradores pela coleta do material e ao Dr. José Albertino Rafael pelas sugestões quanto ao conteúdo do trabalho.

BIBLIOGRAFIA CITADA

McAlpine, J. F. 1981. Morphology and terminology: adults. In: McAlpine, J. F.; Peterson, B. V. et al. eds. *Manual of Nearctic*

Diptera. Ottawa, Research Branch, Agriculture Canada. v. 1, p. 9-63. (Monograph n° 27).

McAlpine, J. F. 1989. *Manual of Nearctic Diptera (volume 3)*. Biosystematics Research Centre (formerly Institute), Ottawa. 1521 pp.

De Meyer, M. 1996. World catalogue of Pipunculidae (Diptera). *Institut royal des Sciences naturelles de Belgique, Documents de Travail*, 86:1-127.

De Meyer, M. ; Skevington, J.H. 2000. First addition to the World Catalogue of Pipunculidae (Diptera). *Bulletin de l'Institut Royal des Sciences Naturelles de Belgique, Entomologie*, 70:5-11.

Rafael, J.A. 1992. Review of the neotropical of big-headed flies, genus *Cephalosphaera* (Diptera: Pipunculidae). In: Quintero, D.; Aiells, A. (Eds). *Insects of Panama and Mesoamerica: selected studies*. 1 ed. Oxford: Oxford University Press. p. 633-646.

Rafael, J.A. ; Rosa, M.S.S. 1991. Pipunculidae (Diptera) da Estação Ecológica de Maracá e da localidade de Pacaráima, Roraima, Brasil. *Acta Amazonica*, 21 (único) : 337-350.

Rafael, J.A. 1996. Pipunculidae (Insecta : Diptera) of the Dominican Republic : New records and description of new species. *Annals of Carnegie Museum*, 65 (4) : 363-381.

Rafael, J.A. ; Menezes, M.D.S. 1999. Taxonomic review of Costa Rican Pipunculidae (Insecta: Diptera). *Revista de Biologia Tropical*, 47(3): 513-534.

Skevington, J.H.; Yeates, D.K. 2001. Phylogenetic classification of Eudorylini (Diptera: Pipunculidae). *Systematic Entomology*, 26:421-452.

Recebido em 22/04/2009

Aceito em 06/08/2009

